

O TEXTO NO VESTIBULAR E O JOGO DE IMAGENS

Résumé

Nous proposons, dans ce travail, faire une présentation de la production textuelle de bacheliers de l'Université Fédérale du Maranhão. Notre analyse veut montrer la relation qui existe entre le "jeu d'image" et les conditions de production des textes.

jogo de imagens; vestibular; produção textual; criatividade.

Introdução

A intenção deste trabalho é demonstrar como se dá o "jogo de imagens" em situação de vestibular, para a construção da textualidade, considerando que a produção textual, nessa ocasião, configura-se como uma extensão da sala de aula, ou seja, o candidato também faz uma representação do seu leitor.

Nesse sentido, pretendemos demonstrar de que maneira essa situação se manifesta no texto do candidato. Em outras palavras, observaremos quais as estratégias discursivas utilizadas pelo enunciador para conseguir a adesão do enunciatário. Para isso, recorreremos à análise de trinta redações de candidatos ao curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, do vestibular de 1996. Nosso estudo fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa.

A produção textual na escola

Em situação escolar, a produção de texto, como vem sendo praticada, foge ao sentido de uso da língua, já que "os alunos escrevem para o professor, único leitor, quando lê os textos". (Geraldí, 1984;54) O caráter artificial dessa situação tende a dominar todo o processo de produção, sendo fator determinante de seu resultado final.

Sendo a língua o meio privilegiado de interação entre os homens, pode-se considerar que existe sempre um interlocutor quando alguém fala ou escreve.

Para Britto (1991), o interlocutor pode ser real ou imaginário, individual ou coletivo, pode estar mais ou menos em cada situação concreta.

Na escrita, é possível verificar diferentes tipos de interlocutores, de acordo com a situação. Numa carta, por exemplo, o interlocutor é definido, preciso; num jornal, ele pode ser representado por um determinado segmento social ou genérico; na ficção literária, ele pode ser virtual. Para o aluno, a dificuldade em escrever encontra-se na ausência de um interlocutor para seu texto. E a escola não contribui para a resolução desse problema porque os exercícios com o texto em sala de aula não prevêm um interlocutor.

Na opinião de Durigan, Abaurre e Vieira (1987), o aluno não imagina que poderia criar um espaço para expor suas idéias, discutir um tema, refletir, estabelecer um diálogo com a pessoa que possivelmente leia seu texto. Ele aprende que escrever é apropriar-se de modelos pré-estabelecidos, dominar um vocabulário sofisticado que não é seu, mostrar que foi capaz de decorar regras de gramática. Tal atitude o transforma em mero reproduzidor de conceitos, levando-o a ausentar-se de uma responsabilidade com seu próprio texto e com seu leitor. Dessa forma, ele acaba escrevendo para a escola.

Conforme dissemos no início deste trabalho, essa situação se repete na prova de redação do vestibular. Sujeito a uma forte pressão emocional, o candidato raramente ousa romper com uma linguagem padronizada, com medo de que seu texto não seja aprovado pela banca.

Tendo que enfrentar concorrência, tensão emocional, o candidato tenta superar suas próprias limitações pois sabe que o seu desempenho será fundamental e decisivo para garantir sua vaga na universidade. Sendo assim, procurará valer-se de mecanismos que assegurem a seu texto uma perfeita harmonia e lhe proporcione uma classificação.

Na busca dessa harmonia, está implícita a preocupação com o leitor imediato do texto, portanto, as condições de produção desse texto estarão comprometidas antes mesmo deste vir à tona.

O “jogo de imagens” na produção textual

Ao trabalhar com as condições de produção, Pêcheux (1990) opta pelo esquema das teorias sociológicas e psicossociológicas da comunicação, que coloca em evidência tanto os protagonistas quanto o referente do discurso. Os elementos estruturais que configuram as condições do discurso, a saber, *A* (*destinador*), *B* (*destinatário*), *C* (*Referente*) não designam indivíduos empíricos, designam lugares determinados em uma formação social. Tais lugares determinam a produção discursiva.

A formalização das formações imaginárias apresentam-se do seguinte modo:

- a) Lugar de A: I A(A): representa a imagem do sujeito situado em A sobre o lugar de A. Em outras palavras, o sujeito pergunta a si mesmo “*Quem sou eu para lhe falar assim?*”. Em se tratando de vestibular, teríamos, a representação do lugar de A (candidato): a imagem que o candidato faz de si.
- b) Lugar de A: I A(B): imagem do sujeito situado em A sobre o lugar de B. “*Quem é ele para eu lhe falar assim?*”. No vestibular, essa representação significaria a imagem que o candidato faz dos corretores.
- c) Lugar de B: I B (B): imagem do sujeito situado em B sobre o lugar de B: “*Quem sou eu para que ele me fale assim?*”, que seria a imagem que os corretores fazem de si mesmo.
- d) Lugar de B: I B (A): imagem do sujeito situado em B sobre o lugar de A: “*Quem é ele para que me fale assim?*”, que adaptada à situação de vestibular, teríamos: quem é o sujeito (candidato) para que me fale assim?
- e) Lugar de A: A IA(R): ponto de vista de A sobre R (o Referente): “*De que falo eu?*”. Imagem que o candidato faz de seu texto.
- f) Lugar de B: B IB (R): ponto de vista de B sobre R. “*De que ele me fala?*”, que seria o ponto de vista dos corretores sobre o texto do candidato.

Diante desse esquema, podemos dizer que a relação de A para B prende-se à intenção comunicativa do discurso, na medida em que A pretende algo de B. Essa intenção é responsável pela orientação argumentativa que ele (A) deve formar na construção do jogo comunicativo. Nesse jogo serão utilizados mecanismos que cooperam na construção do percurso argumentativo.

Mecanismos enunciativos utilizados no processo de construção textual

Dentre os mecanismos mais empregados nas redações que analisamos, destacam-se os *operadores argumentativos* como aqueles que:

1. contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: mas (porém, contudo, todavia, no entanto, etc.), embora (ainda que, posto que, apesar de (que), etc.):

“Antigamente o povo era forçado a eleger os candidatos que seus senhores mandavam. Hoje com a instituição do voto secreto as eleições melhoraram, porém muitas pessoas ainda não se conscientizaram da importância do voto, até mesmo pelas condições sociais em que vivem, grau de instrução e pelas fraudes que acontecem de vez em quando.” (Redação 01)

“No entanto, apesar de tantas barreiras, aos poucos a população está se conscientizando, com as más administrações de alguns políticos e começando a valorizar seu voto, pois só assim poderemos mudar este país.” (Redação 02)

2. operadores que introduzem uma justificativa ou explicação ao enunciado anterior: pois (porque, já que, que, etc.):

“Algumas pessoas vivem ou sobrevivem com tanta dificuldade, que pouco importa a elas vender seu voto, seja por cem reais, seja por qualquer ajuda alimentícia, pois preferem o agora do que um futuro duvidoso.” (Redação 05)

“De uma forma, muitas vezes democrática, elegemos, entre muitos, alguns que possam nos representar para administrar o mundo. Assim se esses representantes falham, consciente ou inconscientemente, nós também falhamos pois foi nossa a escolha de governo, nós é que lhes atribuímos poderes.” (Redação 06)

3. operadores que introduzem uma conclusão a argumentos apresentados em enunciados anteriores: portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente.

“Situados num mundo em que muitos vivem sem esperanças e cansados das injustiças, cada pessoa tem a capacidade de mudar tal quadro, pois com o direito de votar, todas participam de maneira bem significativa do ato de escolher para uma nação, os verdadeiros agentes que lutarão por causas justas.” (Redação 29)

Observamos também a recorrência à citação. Apontada por Fiorin (1994) como um dos processos de intertextualidade (os demais são a alusão e a estilização), a citação pode confirmar ou alterar o sentido do texto citado. Nas redações, os candidatos recorrem ao texto bíblico e à Constituição brasileira, respectivamente:

“Na Bíblia está escrito que o povo desejava ser governado...” (Redação 10)

“Como já está escrito o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus”. (Redação 06)

“O apóstolo Paulo, em uma de suas epístolas, afirma que Deus é quem estabelece os governos da Terra.” (Redação 13)

“Hoje os critérios utilizados para que uma pessoa se torne eleitor (aos 16 anos, sendo facultativo; aos 18 anos, sendo obrigatório...)” (Redação 19)

“O primeiro passo é a pessoa atingir a idade de 16 anos, para que possa adquirir o direito ao voto...” (Redação 30)

Foi constante, ainda, nas redações analisadas, o uso de estereótipos, de palavras e discursos do senso comum, de provérbios:

“Quando tomar consciência de que o voto é a arma que tem para mudar o que aí está e não para beneficiar os que já estão no poder. O eleitor, nós que votamos iremos ter a capacidade de saber escolher e então lutarmos pelo que realmente acreditamos e queremos.” (Redação 02)

“...a política é importante em nossa vida.” (Redação 05)

“O voto é nossa principal arma para tentar fazer um país melhor.” (Redação 08)

“...sem o esforço da busca não podemos chegar a lugar algum.” (Redação 14)

O discurso citado se manifesta como um argumento de autoridade e é empregado com a intenção de construir a aceitabilidade de seus textos. A principal característica do texto argumentativo é a persuasão. Para Tringali (1998; 20), persuadir tem o mesmo sentido de argumentar, ou seja, “levar alguém a aceitar um ponto de vista de modo suave, habilidosamente.” Nesse sentido, a intenção argumentativa do enunciador se manifesta juntamente com a representação que ele faz de seu enunciário.

A utilização de mecanismos como os operadores argumentativos, a citação, o uso de estereótipos, provérbios revelam uma subjetividade construída no discurso.

A reintrodução da subjetividade nos estudos lingüísticos deve-se a Émile Benveniste (1995), que opta pela análise do *processo* interativo entre os interlocutores e não propriamente pela averiguação do *produto*.

No entender desse autor, a língua deve ser atualizada pela enunciação para que possa se efetivar. A enunciação é definida como processo de apropriação da língua que possibilita o ato de dizer, enquanto a

língua é um campo de possibilidades que ganha concretude apenas por meio do ato enunciativo. Ao fazer uso do discurso do senso comum, o candidato assume um ponto de vista partilhado por todos. Desse modo, a intenção de ter o seu texto aceito baseia-se no jogo de imagens acionado no texto do vestibular: o *eu* (o candidato) dirige-se ao *tu* (banca corretora) e usa procedimentos para a construção do texto com base na imagem que ele faz de quem seja o *tu* e o *referente* (redação).

Conclusão

Durante o percurso deste trabalho procuramos analisar a produção textual de vestibulandos, focalizando a prova de redação do vestibular da Universidade Federal do Maranhão e, por meio das redações produzidas por candidatos ao curso de Letras, observamos os procedimentos discursivos utilizados na construção do texto, tendo em conta o jogo de imagens construído no processo de produção textual. Pudemos observar que os candidatos têm consciência do que seja um texto dissertativo escrito em situação de vestibular, na medida em que selecionam materiais e instrumentos adequados a um determinado propósito: ter o seu texto aceito pela banca corretora.

Referências Bibliográficas

- BENVENISTE É. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. São Paulo: Pontes, 1995.
- BRITTO, L. P. L. *Fugindo da norma*. Campinas: Átomo, 1991.
- DURIGAN, J. A., ABAURRE, M. B. M., VIEIRA, Y. F. *A magia da mudança: vestibular UNICAMP*. São Paulo: EDUNICAMP, 1987.
- FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. BARROS, D. L. P. de (Org.) *Dialogismo, polifonia e enunciação: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- GERALDI, J. N. *O texto em sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984.
- PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Pontes, 1990.
- TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.